

## As Lições de um Mestre

---

Clara Pracana

### O PROFESSOR

Não vive em Alexandria, como o Clemente do mesmo nome desta cidade (séculos II-III), mas é também um ilustre pedagogo. Refiro-me ao Prof. Dr. Carlos Augusto Amaral Dias. Gosto pouco de hagiografias. Assim, o texto que se segue acaba por ser, egocentricamente, mais uma reflexão sobre mim própria do que sobre o homenageado. Dizia o referido Clemente (1970) que o maior conhecimento de todos era o conhecimento de si próprio. Subscrevo.

Conheci o Carlos em 1997, quando ele ministrava a cadeira de psicopatologia no Mestrado de Psicopatologia e Psicologia Clínica do ISPA. Na altura, eu ainda ganhava a vida a gerir empresas, função que exercia com proveito e eficácia, mas pouco prazer. Eu própria dava também aulas num outro mestrado do mesmo ISPA, de Comportamento Organizacional. Vivia, como sempre, inquieta.

Foi com ele que descobri a psicanálise. O caminho que ele me abriu permitiu-me aceder a outros dizeres, outros modelos. Porque a *libido sciendi* a tal obriga. Ou me obriga.

Não quero, com isto, implicar que nunca tivesse ouvido falar de psicanálise, quando comecei o mestrado. Ser gestora não significa obrigatoriamente, embora seja frequente, ser completamente igno-

rante noutras áreas. Mas tinha um conhecimento superficial, feito de algumas leituras ao longo dos anos, em especial quando a minha filha era pequena – lembro-me de muito ter apreciado ler, na altura, além dos livros de Françoise Dolto, um livro de Charles Bettelheim (2002) intitulado *Psicanálise dos Contos de Fadas*. E tinha lido, no final da adolescência, como toda a gente da minha geração, Reich. De Freud, alguma coisa, referências aqui e ali, ao longo dos anos, que já vão sendo alguns.

Licenciada em Economia, nos idos dos anos mil novecentos e setenta, e com um MBA feito nos anos oitenta, a minha vida profissional tinha sido, na década de noventa, orientada sobretudo para os resultados. Quando digo resultados, quero significar lucros. Não se pense que tenho algo contra o lucro, ou sequer contra o capitalismo. Não conheço, aliás, outro sistema económico melhor, apesar das deficiências deste. A questão punha-se mais a nível do meu gozo pessoal: continuar, até à reforma, a projectar e a concretizar os lucros dos accionistas da empresa, anos após ano? Profissão liofilizante, a de gestor. E redutora. Necessária, é certo. Mas, para mim, tinha-se tornado pouco gratificante, do ponto de vista psicológico.

Tinha descoberto, entretanto, que possuía uma capacidade, porventura acima da média, para motivar os meus colaboradores. Comecei a estudar melhor a questão da motivação, da liderança, da capacidade de mudança. Tornou-se-me evidente aquilo que hoje julgo ser já um axioma na teoria da gestão: as pessoas são o activo mais importante de qualquer organização. Entretanto, surgiu-me a oportunidade de frequentar um seminário na Bélgica dirigido por uma pessoa com formação psicanalítica. Estes workshops desenrolaram-se ao longo de mais de um ano, em diversa tranches, e seguiram a tradição de Tavistock. Lembro-me bem da primeira vez que li um livro de Bion: foi em 1996. Tinham-me sugerido que o lesse, antes de ir para um seminário em Bevercy, na Bélgica. E eu, diligentemente, fui a lê-lo no avião, entre uma sanduíche e um sumo.

É preciso perceber-se o contexto. Era frequente aproveitar o tempo de voo, a caminho de reuniões internacionais, para preparar uma eventual intervenção. Estava muito habituada a ler relatórios e balanços, deles extraindo rapidamente o mais relevante. Os números saltavam-me à vista; a prática era tal que facilmente detectava numa página um número fora da média ou da mediana, para mais ou para menos.

Para minha surpresa, não foi isso, de modo nenhum, o que se passou com a leitura de *Experiences in Groups*. Fiquei sobressaltada

e algo preocupada com a forma como iria desenrolar-se aquela experiência nos confins da Bélgica, perto duma aldeia onde teve lugar umas das mais horríveis batalhas da Segunda Guerra Mundial. A ver pela forma como Bion descrevia o funcionamento grupal, comecei a interrogar-me sobre a oportunidade da minha adesão àquele seminário residencial e intensivo, que, aliás, se viria a revelar muito mais do que um seminário normal.

Tinha, de facto, razões para estar preocupada. Foi simultaneamente uma das melhores e uma das piores experiências da minha vida. Não a vou narrar aqui, sob pena de este texto se tornar demasiado intimista. Bastará dizer que fiquei madura para os primeiros contactos com a cadeira que o Carlos ministrava.

O título da cadeira, Psicopatologia, era enganador. Nunca ouvi o Carlos discorrer em termos de DSM. Ele falava de tudo, menos disso. Falava de filosofia, de história, da psicanálise, de Freud e de Bion. Eu ia ouvindo, depois de vir a correr da empresa onde tinha acabado de fechar mais um contrato que iria trazer chorudos lucros aos meus accionistas. Ainda bem para eles! Eu, por mim, estava na via descendente da profundidades psíquicas (não por acaso Freud chamava à Psicanálise ‘psicologia das profundezas’). Qual Alice no País das Maravilhas, tinha passado pelo tronco da árvore e caído no poço. Queria ser pequena? Queria ser grande? Pois leia-se Freud. Leia-se Bion. Releia-se Platão. Jaspers, sim. E Heidegger; tentar, pelo menos. E Meister Eckart? Sim, mais S. João da Cruz. Que têm estes autores de especial? A capacidade de reflexão, de formulação de questões. Pois reflecta-se até ao tutano.

Ah, os mestres! O Carlos é um deles. Mas quem são eles? George Steiner tem um livro excelente acerca do tema, *As Lições dos Mestres*. A prática começou por ser oral, a escrita veio alargar o espaço de intervenção dos mestres ao longo do tempo. É Steiner que conta aquela anedota que corria em Harvard acerca de Jesus: ‘óptimo professor, mas não publicou nada’. Por isso, os pais da Igreja se preocuparam tanto em pôr por escrito. Tinham razão. Sócrates, pelo contrário, nunca escreveu uma linha (a não ser na areia, com um pau). Consta que receava, ou seria Platão, que os homens perdessem a memória com a vulgarização do uso da escrita.

Já a palavra de ordem na Sorbonne, em 1968, era ‘Plus de maîtres!’. Influências de Foucault, certamente, sempre preocupado com o (mau) uso do poder.

## O ORIENTADOR

Quando convidei o Carlos para ser meu orientador da tese de mestrado, disse-lhe que estava a pensar escrever sobre liderança. Queria fazer uma leitura psicanalítica do funcionamento grupal e tentar perceber o fenómeno da ascensão de Hitler (o nazismo era um meu velho tema de interesse). Contei-lhe, mais ou menos, o que estava a pensar fazer e que também iria utilizar a minha própria experiência de anos de liderança para tentar perceber o fenómeno, e analisá-lo de uma perspectiva psicanalítica.

O Carlos foi capaz daquilo que poucas pessoas seriam: deu-me, de imediato, o benefício da dúvida. Não deve ter sido fácil, imagino. Aparece-lhe no mestrado uma senhora, que ele sabe que é gestora de profissão, a querer estudar psicanálise! Mas o Carlos é assim. Por ser inteligente, muito inteligente, tem um espírito excepcionalmente aberto. Ele deu-me, de imediato, dois conselhos, para efeitos de escrita de uma tese, que se revelaram preciosos e que continuei a usar na elaboração da tese de doutoramento. Não os divulgo aqui porque têm copyright.

O livro acabou por ser sobre a liderança carismática, e o texto *Psicologia de Grupo e Análise do Eu*, de Freud (1981), originalmente publicado em 1921, serviu de arranque para o primeiro capítulo. Quando Freud escreveu este trabalho, o tema da psicologia da multidão era muito discutido e vários autores sobre ele já se tinham debruçado: Gustave le Bon, MacDougall. Seriam autores muito lidos na época e, certamente, utilizados pelos ditadores e candidatos a ditadores. Sabe-se que Salazer leu Le Bon e estou certa que Hitler também. Este último tem, aliás, uma passagem no *Mein Kampf* que parece quase plagiada de Le Bon.

Freud pegou nesta literatura e estudou, em detalhe, a forma como os grupos organizados se comportam e qual o mecanismo de identificação subjacente: vínculos libidinais fortes entre os membros do grupo e o seu líder, e um mecanismo de identificação pelo qual os Eus dos membros do grupo se identificam com o Ideal do Eu do líder. A coesão do grupo e a fidelidade ao líder vivem destes fortes vínculos. Na prática, observa-se um comportamento irracional, uma ausência de espírito de crítica, uma regressão nos mecanismos psíquicos e dos processos de pensamento. Freud analisou sobretudo dois grupos estruturados: o exército e a igreja.

O que é que é comum a uma e a outro? Em traços muito gerais,

ambos têm líderes, hierarquias, regras, disciplina, controlo e esquemas punitivos. Em ambos, se aplica o princípio do forte vínculo libinal; em ambos, há lugar a poderosas identificações.

Bion, num conjunto de textos que viram a dar origem a *Experiences in Groups*, debruçou-se sobretudo sobre o chamado grupo de trabalho e os pressupostos básicos: *baD* (pressuposto básico de dependência), *baF* (pressuposto básico de ataque/fuga) e *baP* (pressuposto básico de *pairing*, também designando por messiânico).

Estes modos primitivos de funcionamento têm origem no sistema protomental dos indivíduos. Bion observou que, quando um grupo parecia estar empenhado em levar a cabo uma tarefa, no modo *grupo de trabalho*, emergiam subitamente ansiedades, medos e fantasias (muitos deles não conscientes), que colocavam o grupo num modo básico e regressivo de funcionamento mental. Foi a estes modos de funcionamento primitivos que Bion chamou *basic assumptions*.

No grupo de trabalho, as pessoas funcionam cooperando para a tarefa comum, mas como indivíduos independentes e separados. Procura-se a aprendizagem pela experiência, o conhecimento. O grupo questiona-se frequentemente e tem noção do tempo e da realidade. Mas o grupo de trabalho, como modo de funcionamento maduro e racional, é relativamente raro. O estado emocional do grupo altera-se rapidamente, podendo assumir, em sequência, um dos vários modos básicos de funcionamento.

Como escreve Bion (1994: 162):

A minha impressão é a de que o grupo aproxima-se de muito perto, no espírito dos indivíduos que o compõem, das fantasias muito primitivas. [...]. Os elementos da situação emocional [no grupo] estão tão ligados às fantasias das ansiedades mais primitivas que o grupo é compelido, sempre que a pressão da ansiedade se torna demasiado grande, a tomar uma acção defensiva

Estas acções defensivas podem assumir, em sequência, uma das três formas atrás descritas. Resumindo, enquanto que para Freud o grupo tem um comportamento regressivo e neurótico, em Bion o modo de funcionamento em pressuposto básico tem mais a ver com a psicose.

Nas organizações, passa-se algo de análogo, com sentimentos persecutórios e ligados às ansiedades mais primitivas a dominar o palco dos acontecimentos e a determinar comportamentos algo

paranoides e que é importante descodificar. A mudança, designadamente, necessária, mas sempre geradora de ansiedade, é sentida pelos membros da organização como ameaçadora. A dependência do líder e outros fenómenos grupais manifestam-se com consequências que há que analisar, sob pena de se perder o controlo do processo (Pracana 2001).

Publicado o livro, era tempo de eu optar, ou não, pela psicanálise, como actividade principal e como, tal como diz o fado, por uma 'estranha forma de vida'. Mais uma vez, aí, o Carlos teve um papel relevante nessa momentosa decisão.

## O SUPERVISOR E O AUTOR

Muito resumidamente, gostaria de referir dois aspectos da obra de Amaral Dias que me parecem particularmente relevantes. São eles aquilo a que chamarei a reinterpretação de Bion e a fidelidade ao pensamento de Freud.

Bion é, no meu entender, um autor de difícil acesso, denso e, por vezes, obscuro. Não por acaso, certamente, ele deu a importância que deu à intuição no mecanismo do pensamento. As referências ao misticismo, por exemplo, são também um pouco herméticas e, por vezes, mesmo bizarras, sobretudo para o leitor menos habituado à sua terminologia. Não é esta a sede própria para entrar em detalhes sobre o léxico e os conceitos de Bion. O que eu gostaria de sublinhar, aqui, é a capacidade de Amaral Dias para operacionalizar, na clínica, os conceitos de Bion. Não é tarefa fácil. Mas, assistir a uma das suas supervisões e ver como ele o faz, é uma experiência deveras singular. O que ele faz é *transformar* um conceito bioniano em algo que faz sentido para nós, psicoterapeutas/psicanalistas e, o que é mais, para os nossos pacientes. É obra.

Quanto a Freud, só posso dizer o seguinte: nunca estive presente nas famosas quartas-feiras vienenses. Tenho pena. Confesso que gostaria de ter sido Lou Andreas-Salomé. Mas o Carlos conseguiu, pelo menos no que me diz respeito, não fazer-me reencarnar na dita senhora, mas algo bem mais importante: o Dr. Sigmund Freud, com a sua barba bem tratada e o seu olhar penetrante, está sempre presente, entre nós, nas supervisões do Carlos. Quase como se fosse de carne e osso. É, admito, uma sensação estranha, principalmente para uma mente cartesiana como a minha. A sombra dele paira por ali. E

tem sido assim, ao longo destes últimos anos. De tal maneira que, e isto já não tem a ver com o Carlos, mas sim comigo, o velho senhor tornou-se o meu interlocutor privilegiado, de mim para mim. E dou muitas vezes comigo a pensar, diante da realidade actual, coisas como: que pensaria Freud disto, ou daquilo? O fenómeno actual e aterrador dos terroristas/suicidas – o *horrorism*, como lhe chama Martin Amis (2007) – que pensaria ele disso?

A obra de Carlos Amaral Dias é já vasta, e não será este o local adequado para a enumerar. No entanto, talvez seja importante destacar a reinterpretação que ele faz da obra de Bion. Bion é, como disse, um autor difícil. Confesso que eu própria leio com mais à vontade os seus escritos autobiográficos, muito mais tocantes, do que, por exemplo, as suas misteriosas divagações sobre os místicos, perdoe-se-me a redundância. Mas a verdade é que o Carlos Amaral Dias soube fazer o quase impossível: partir de Bion e ser capaz de *pensar o pensamento* de Bion. Um excelente exemplo é o de *Uma Tabela para uma Nebulosa*, publicado em 1997. A tabela de Bion ('The Grid and the Caesura'; Bion 1963), modificada por Amaral Dias, adquire mais vida, como se iluminasse os nossos *settings* e lhes desse um significado acrescido. Faz pensar, por um lado, e torna-nos mais leves, por outro. Porque se trata, como ele diz, de uma forma de estar com a psicanálise, de um modelo psicanalítico para a psicanálise. E isto, que parece fácil é, na minha opinião, uma das coisas mais difíceis para um analista.

Acontece que só comecei a compreender, realmente, a importância da famosa tabela ao fim de uns anos de experiência, e já depois de ter terminado a minha análise didáctica. Tenho pena de não ter tido a tabela mais presente durante a minha análise. E recomendo aos meus colegas que estão, ou vão começar, a fazer as suas análises pessoais que estejam mais atentos do que eu. E não foi à falta de o Carlos, tanto como *lecturer* como enquanto supervisor, insistir interminavelmente na tabela. Talvez eu estivesse mais interessada, na altura, e talvez por causa dos meus interesses pessoais e profissionais, na teoria de grupos de Bion. Ou, talvez, a minha pouca experiência profissional não me deixasse pensar a tabela, numa resistência contra a dor depressiva que resulta de se constatar que se sabe tão pouco. Talvez.

Entre as obras de reelaboração de Freud, gostaria de destacar os dois volumes de *Freud para Além de Freud*, publicados, respectivamente, em 2000 e 2005, excelentes testemunhos do que é a psicanálise, e ainda um outro livro do meu particular agrado, *Costurando as*

*Linhas da Psicopatologia Borderland (Estados-Limite)*, de 2004. Estes dois últimos volumes têm-me sido extremamente úteis na compreensão das organizações borderline, que aparecem, com crescente frequência, no consultório e com uma polissemia por vezes enganadora.

## O PEDAGOGO

Ao longo dos últimos nove anos, tenho continuado a participar em seminários orientados pelo Carlos. Fico quase sempre maravilhada (e invejosa), com a facilidade (aparente, porque sei que tudo isso implica muito trabalho) com que ele pega num texto do Freud, ou de Bion e discorre sobre ele durante horas a fio. O profundo conhecimento que ele tem da obra do fundador da psicanálise é certamente essencial. Mas não se trata só disso. Tal como os mestres de que Steiner fala, o Carlos tem aquele talento especial para relacionar os conceitos, fazer a ponte entre as várias áreas do conhecimento, cruzar os saberes, aplicar a psicanálise ao entendimento da vida e do mundo à nossa volta.

A pedagogia é mesmo isso: pegar numa frase, num conceito, numa teoria e dar-lhes um sentido. Os antigos gregos designavam por *paidagogos* o escravo, culto e ilustrado, que acompanhava as crianças, as orientava, as ajudava na aprendizagem. Era uma função de grande importância na *polis* e na cultura grega. O Carlos não é um escravo nem nós somos crianças, e muito menos gregos (embora às vezes nos ‘vejamos gregos’), mas a sua função formativa não é menor.

A partir do momento em que eu própria comecei a orientar seminários sobre alguns textos de Freud, mais se me tornaram evidentes as extraordinárias qualidades deste pedagogo de eleição. É que não basta saber. É preciso estar movido pelo desejo de transmitir conhecimento. Movido pelo desejo. Desejar. Ser um *ser desejan*te, como ele tanto gosta de dizer.

E este princípio é válido para os dois lados, para quem ensina e para quem aprende.

Termino com uma citação de George Steiner (2003: 148), também ele um mestre, extraída da obra atrás referida:

*A libido sciendi*, a sede de conhecimento, a necessidade profunda de compreender estão inscritas no que de melhor têm os homens e



as mulheres. Tal como a vocação de professor. Não há ofício mais privilegiado. Despertar noutro ser humano poderes e sonhos além dos seus.

Resumindo: tem sido, para mim, um privilégio, poder aprender com o Carlos Amaral Dias.

**Palavras-chave:** psicanálise, Freud, Bion, pressupostos básicos, grupo de trabalho, liderança, pedagogo.

## REFERÊNCIAS

- Amis, M.  
2007 'The Horrorism'. URL: <http://www.guardian.co.uk/world/2006/sep/10september11.politicsphilosophyandsociety>. Documento acedido em Setembro de 2007.
- Bettelheim, B.  
2002 *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Lisboa: Bertrand.
- Bion, W.  
1963 *Elements of Psycho-Analysis*. Londres: Karnac  
1994 [1961] *Experiences in groups*. Londres: Karnac.
- Clément d'Alexandrie  
1970 *Le Pedagogue*. Paris: Les Éditions du Cerf.
- Dias, C. Amaral  
1973 *Tabela para Uma Nebulosa*. Lisboa: Fim de Século.  
2000 *Freud para Além de Freud*. Vol I. Lisboa: Fim de Século.  
2004 *Costurando as Linhas da Psicopatologia Borderland (Estados-Limite)*. Lisboa: Climepsi.  
2005 *Freud para Além de Freud*. Vol II. Lisboa: Climepsi.
- Freud, S.  
1981 [1921] 'Group Psychology and the Analysis of the Ego'. In *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*. Editado por J. Strachey. Londres: Hogarth Press. Vol. 18. pp. 67-143.
- Pacana, C.  
2001 *O Líder Sedutor*. Lisboa: Climepsi
- Steiner, G.  
2003 *As Lições dos Mestres*. Lisboa, Gradiva.

**As Lições de um Mestre**

**The Lessons of a Master**

***Sumário***

***Summary***

---

Trata-se de um artigo muito pessoal, em que a autora descreve a sua descoberta da psicanálise e a importância que Amaral Dias, e a sua obra, tiveram nesse percurso. É feita uma apreciação deste autor, psiquiatra e psicanalista nas suas diversas vertentes: o professor, o autor, o supervisor e o pedagogo.

This is a very personal article, in which the author describes her discovery of psychoanalysis and the importance that Amaral Dias, and his work, had in that course. An appreciation of this author is done, as psychiatrist and psychoanalyst in his several features: professor, author, supervisor, and pedagogue.